



3973 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

CARTAS DE MULHERES DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (FINAL DO SÉCULO XIX E MEADOS DO XX): PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA E PARTICIPAÇÃO NAS CULTURAS DO ESCRITO
Zélia Malheiro Marques - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho, pesquisa de doutorado, objetiva compreender o lugar do escrito, através da análise de correspondências de três gerações de mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité e às da família de Deocleciano Pires Teixeira, no final do século XIX até meados do XX. Relaciona-se aos estudos da História Cultural, particularmente, na História da Leitura e na História das Culturas do Escrito.

Palavras-chave: Cartas de Mulheres; Alto Sertão da Bahia; Culturas do Escrito.

CARTAS DE MULHERES DO ALTO SERTÃO DA BAHIA (FINAL DO SÉCULO XIX E MEADOS DO XX): PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA E PARTICIPAÇÃO NAS CULTURAS DO ESCRITO

RESUMO

Este trabalho, pesquisa de doutorado, objetiva compreender o lugar do escrito, através da análise de correspondências de três gerações de mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité e às da família de Deocleciano Pires Teixeira, no final do século XIX até meados do XX. Relaciona-se aos estudos da História Cultural, particularmente, na História da Leitura e na História das Culturas do Escrito.

Palavras-chave: Cartas de Mulheres; Alto Sertão da Bahia; Culturas do Escrito.

[...] Chegando em Caetité, foi Bonifácio tomado por um sampauleiro, denominação commummente dada a todos os indivíduos que migram de ou para os Estados de Minas, S. Paulo, Matto Grosso ou outro da parte meridional do paiz; quer venham ou vão a pé, de sacco às costas ou montados conduzindo à garupa os objetos indispensáveis à longa viagem [...] (SANTOS, 2014, p.275).

Na inspiração das muitas cartas escritas por homens e mulheres da região e, em outras narrativas, como *Os Analfabetos*, do escritor João Gumes, que enfatiza Marcolino, sertanejo humilde, lavrador e analfabeto, em meio à luta familiar e social, dando destaque a Zezinho, seu filho, que, de forma heroína, experimenta os caminhos duros de quem decide aprender a ler e escrever, mesmo em meio a muitas dificuldades, apresento o objeto de estudo, as práticas de leitura e de escrita e a participação nas culturas do escrito.

Este projeto de doutorado, o qual o inscrevo à Linha de pesquisa, História da Educação e, em estudos da História Cultural, particularmente, na História da Leitura e na História das Culturas do Escrito será uma pesquisa documental, inicialmente, mobilizarei a análise de conteúdo, podendo se acionar, posteriormente, a análise do discurso e/ou hermenêutica – dialética, considerando o contexto, que é indicador de um período em que as habilidades de ler, escrever, produzir e participar de instâncias sociais eram restritas a uma pequena parcela da população e que, já se observa a ação de leitura e de escrita em meio a grandes desafios, sendo muitas vezes um privilégio do público masculino e se estendendo, através de instâncias culturais. Espera-se contribuir com a discussão proposta, tirando da invisibilidade a participação das mulheres em culturas do escrito na região e indicando o entrelaçamento entre impressos e oralidade.

Com o objetivo de compreender o lugar do escrito, através da análise de correspondências de três gerações de mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité e às da família de Deocleciano Pires Teixeira, no final do século XIX até meados do XX, justifico a temporalidade do estudo em virtude das intensas transformações sociais que contribuíram para espalhar a cultura da informação impressa em sobreposição às experiências naturais, o que, como se constata, se tornou ameaça à narrativa, porque, “na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (BENJAMIM, 1994, p. 221). Ao narrador, cabe-lhe não só contar sua experiência de vida. Ele é conhecedor do acervo na totalidade da cultura.

De uma cultura, em constante transformação, importa-se analisar o que é posto pelo determinismo social, Burke (1992), levando-se em conta a discussão processual do modo como uma parte da população produz sua experiência de vida. Por isso, pergunta-se: qual lugar

ocupado por quem sabia ler e escrever, em tempos e lugares diversos em um país que têm sua constituição cultural desenvolvida em meio a uma diversidade de culturas? Por que essa necessidade de conhecer a especificidade cultural?

Entre caminhos contraditórios, mas pensando respostas, importante buscar entender a organização do ensino, no Brasil, observando que, pela difusão da instrução, foram surgindo cursos específicos de formação de professores, em meados do século XIX, e as Escolas Normais com a intencionalidade pela preparação de docentes para o ensino foram sendo implantadas em muitos lugares do país (GATTI e BARRETTO, 2009). Em meio à institucionalização da instrução pública, no Brasil, grupos sociais que eram tradicionalmente associados, ao mundo da oralidade, passaram a se relacionar com práticas de escrita, uma descoberta revolucionária, separando tempo e lugar. Cada vez mais, o ermo da cultura ia transformando o espaço, em área de cultivo, em nome das construções, habitações, embora estivessem, também, as marcas de seu meio brávio (LE GOFF 1983).

Assim como nos principais centros urbanos das diversas províncias brasileiras, o desenvolvimento da instrução ocorreu na Bahia a partir de meados do século XIX. Primeiro, deu-se, como valor, depois, como direito, o que indica tratar-se de experiência, em processo histórico, político, econômico e social, gerando ações protagonizadas por sujeitos comuns e também por pessoas influentes política e economicamente. Galvão (2007) organiza elementos indicadores da história da cultura escrita, sobretudo, no Brasil, e considera fatores mais abrangentes, além dos tradicionais, como alfabetização, escola e imprensa. Apresenta reflexões do processo de escolarização, de publicação e de editoração, no seu heterogêneo e extenso território especialmente em países, como o Brasil, de experiências relativamente tardias. Isso é indicador de vivências diversas, denominadoras das culturas do escrito, uma espécie de convite para conhecê-las.

Intensificam-se o uso das contribuições da História Cultural. Chartier (1990), para esse campo de saber, ao lado de outros teóricos, têm consolidado importantes pesquisas, muito além dos espaços empíricos relacionados à escola e à escolarização, constituindo fator de alargamento das temporalidades e temas de investigação Bicas, (2012), Abreu et al (2007), Jinzenji (2010), dentre outros, indicando estudos que podem dialogar com esta pesquisa proposta, na expectativa das importantes curiosidades sobre a circulação do escrito na região.

Embora esteja, no início, o contato com os manuscritos de mulheres, já me indica uma comunicação para fins privados e sociais, indicando iniciativas fora da oficial com práticas culturais em que o ato de ler e de escrever foi tendo contribuições em outras instâncias (clubes de leitura, teatro, igrejas, dentre outras). Estudos regionais, tanto de nível de graduação, quanto de pós-graduação, a exemplo de Estrela (2003), Reis (2004), Reis (2010), Nogueira (2016), Pires (2012), Ribeiro (2012) vão indicar esse movimento pelo avanço na participação da cultura do escrito. Também, vão tematizar aspectos de relevância que estão pelo dinamismo social, expressando diversidade de culturas e suas relações imbricadas. Daí, a observação de que é do final do Século XIX e início do XX o registro das primeiras experiências com a educação pública e a participação das culturas do escrito.

Essas contribuições possibilitaram mapear a imprensa, obras memorialísticas e romances produzidos por indivíduos que, tendo alguma projeção social, lançaram luz sobre a região, e a tematizaram, contribuindo para o seu desenvolvimento cultural. Outros sujeitos, no entanto, ainda não tiveram sua produção analisada e posta em diálogo com o cenário mais amplo, estando na invisibilidade, mesmo pertencente ao processo das práticas de escrita. Assim sendo, questiono, por que a prática de trocar cartas, qual materialização, quais temáticas abordadas e modos de se tratarem entre os que estabeleciam o circuito? Quem, onde, quando e como se estabeleceu esse processo?

A partir daí, identifico mulheres, não somente, no cotidiano familiar e fraternal, mas com outros propósitos, por exemplo, em situação de ausência dos esposos por motivo de doenças ou de morte, assumindo os negócios e liderando situações, como compras e vendas, movimentação das fazendas, as viagens, dentre outras tarefas referentes aos seus interesses. Daí, surge a proposta de categorização e análise das fontes: a identificação de gêneros e suportes textuais por elas lidos/escritos, as instâncias onde essa leitura/escrita se realizava, as finalidades da leitura/escrita, os modos como se realizava a leitura/escrita, os assuntos lidos.

Com objeto de pesquisa definido, observo a necessidade de apresentar os sujeitos da pesquisa, as 13 mulheres, produtoras de cartas, e as suas famílias, na perspectiva de compreensão do circuito de comunicação, tanto na esfera privada, quanto social. São elas: Elvira Benedita de Albuquerque, (sua data de nascimento ainda não foi identificada; seu casamento deu-se, no dia 15 de janeiro de 1850 e o falecimento no ano de 1894. É a esposa do Barão de Caetité). Maria Victoria de Albuquerque (provavelmente seu nascimento é em 1851 e o falecimento em 1908) – apelidada de Yayá, é uma das filhas do Barão de Caetité. Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima (1882-1943), esposa de um dos netos do Barão de Caetité. Ao contrair núpcias com Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior, passou a fazer parte também dessa família. Vinculam-se a estas, outras mulheres, produtoras de cartas, que foram mapeadas para o estudo: Alice Spínola Teixeira Santos, (nasceu em 21.11.1877 e se casou com Nicolau Tolentino de Barros), Maria Rita de Souza Spínola, Celina Spínola Teixeira, Ana Spínola Teixeira, Celsina Spínola Teixeira, Leontina Spínola Teixeira, Evangelina Spínola Teixeira, Carmem Spínola Teixeira, Hercília Spínola Teixeira, Angelina Spínola Teixeira.

Como pesquisa documental, tomo como fontes principais as correspondências preservadas e organizadas, no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), criado na década de 1990 e integrado à Rede de Arquivos do Estado. Funciona no prédio da antiga Casa da Câmara e Cadeia e é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. As cartas, localizadas, no fundo de correspondências relacionadas ao Barão de Caetité e à família Teixeira, estão sendo lidas e descritas.

No momento, não poderei apresentar todas as mulheres em estudo. Farei um breve demonstrativo sobre participação nas culturas do escrito: práticas de leitura e de escrita, a partir do conteúdo das cartas, de uma delas, entre o período de 1901 a 1950.

ALICE SPÍNOLA TEIXEIRA SANTOS: “sertão é lugar de papai”.

Através de Alice, começo a falar das mulheres por elas mesmas. Apresento-a como leitora e produtora do escrito. Demonstra interesse pela poesia e revela sua falta, quando está, no sertão, o que me leva a pensar o porquê da busca de novas experiências. Alice nasceu em 21.11.1877. Viveu em viagens entre o sertão e outros lugares como a capital da Bahia. Era leitora do Penna, periódico que a permitia acompanhar a vida sertaneja. Faleceu, provavelmente em Salvador.

Por que diz “sertão é lugar de papai”? Penso ser essa uma questão para maior aprofundamento. Suas cartas, no entanto, trazem algumas respostas: Alice se queixa da falta de saúde e diz que estando no sertão se agrava mais, indica tratar-se de vida monótona e insípida. Diz que falta troca de ideias, convivência sadia e que há censura e conservação de cerimônias e etiquetas. Em uma das cartas, informa sobre uma tia e dá notícia de Nicolau, seu marido, dizendo que estava mal, fala de estadia ao sertão e o desejo de retornar a casa onde tinha tudo ao seu dispor e comenta que a vida do sertão é aborrecida e monótona.

Pelos cartões postais recebidos de Dinah, em 1985, além das saudações afetivas, elas demonstram familiaridade pela poesia. Em 25 de dezembro de 1905, assim Dinah se dirige a Alice: “minha D. Alice, gosta de poesias e ahi lhe vai uma: Um lago encantado [...] criancinhas e uma pensativa! Esta revê certamente sonhos felizes, venturas pois sorrí”. Continua escrevendo, “Que a si não falem também e que se tradusam em bella realidade! São os votos que faz a sua melhor amiga”.

Entre versos românticos, Alice e sua amiga, Dinah, poderiam ser consideradas duas sinhazinhas, que, com galanteios, não só provam ter domínio da leitura e da escrita, mas também indicam gosto pela poesia. No início do texto, faço alusão à discussão do analfabetismo regional, destacando o personagem, Zezinho, um menino que queria estudar. No entanto, além de morar distante das instâncias de educação, havia dificuldades econômicas e, mais ainda, havia a ignorância familiar/regional, consequências representativas das migrações e do analfabetismo. Para levar em frente seu propósito, o menino travou forte batalha pessoal e social. Então, me questiono: se fosse uma mulher?

REFERÊNCIAS

ABREU, M. (Org.). Percursos da leitura. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007, pp. 9-15.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura, história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BICCAS, M. de S. Roger Chartier: Contribuições para a história da educação. In LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de (Orgs). **Pensadores sociais e história da educação**: Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p.7-37.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: FAPESP: Educ, 2003, 256p.

LE GOFF, J. **Memória e História**. Tradução: Bernardo Leitão et al. 5. Ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

JINZENJI, M. Y. **Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

GALVÃO, A. M. O. et al. (ORG.). **História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX**, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. (Coord). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

NOGUEIRA, M. L. P. S. **Mulheres baianas nas artes de escrita: tessituras de experiências, memórias e outras histórias (1926 – 1960)** Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP – São Paulo, 2016.

PIRES, M. F. N. HOMMES DE LETTRES NA ?CORTE DO SERTÃO?: JOÃO GUMES E A ESCRITA SOCIAL. **Veredas da História**, v. 1, p. 1, 2012

REIS, M. da. C. S. **O Sampauleiro: romance de João Gumes**. Tese (Doutorado em Linguística), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

REIS, J. P. M. **Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetitê-BA, 1987-1928)** Dissertação (Mestrado em Conhecimento e Inclusão Social em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010

RIBEIRO, M. P. **Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: A Escrita Epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901-1927)**. São Paulo; Alameda, 2012.

SANTOS, J. A, dos S. (1858-1930), **Os Analfabetos**. Salvador: EDUNEB, 2014.